

Kakuzo Okakura

O LIVRO DO CHÁ

Tradução de
Alexandra Cardoso

alma
dos
livros

ÍNDICE

I. A taça da humanidade	7
II. As escolas do chá	21
III. Taoismo e <i>zen</i>	35
IV. A sala de chá	51
V. Apreciação da arte	69
VI. Flores	81
VII. Os mestres do chá	97

I

A taça da humanidade

O chá começou como um remédio e tornou-se uma bebida. No século VIII, na China, entrou no reino da poesia como um dos entretenimentos de cortesia. O século XV viu o Japão enobrecê-lo como uma religião de esteticismo – o chaísmo, um culto fundado na adoração do belo por entre os factos sórdidos da existência quotidiana. Inculca pureza e harmonia, o mistério da caridade mútua e o romantismo da ordem social. Trata-se, essencialmente, de uma adoração do imperfeito, pois é uma tentativa terna de realizar algo possível nesta coisa impossível que conhecemos como vida.

A filosofia do chá não é um mero esteticismo na aceitação habitual do termo, pois expressa, juntamente com a ética e a religião, todo o nosso ponto de vista sobre o homem e a natureza. É higiene, pois impõe limpeza; é economia, pois mostra conforto na simplicidade, em vez de no complexo e dispendioso; é geometria moral, na medida em que define o nosso sentimento de proporção para com o universo. Representa o verdadeiro espírito da democracia oriental, transformando todos os seus devotos em aristocratas do gosto.

O longo isolamento do Japão em relação ao resto do mundo, tão propício à introspecção, tem sido altamente favorável ao desenvolvimento do chaísmo. O nosso lar e hábitos, trajes e culinária, porcelana, lacados, pintura – a nossa própria literatura – foram todos sujeitos à sua influência. Nenhum estudante da cultura japonesa poderia ignorar a sua presença. Permeou a elegância dos *boudoirs* nobres e entrou na morada dos humildes. Os nossos camponeses aprenderam a arranjar flores e o nosso mais humilde trabalhador a oferecer a sua saudação às rochas e às águas. Na nossa linguagem comum, falamos do homem «sem nenhum chá» dentro de si quando este é insensível aos interesses sério-cômicos do drama pessoal. Mais uma vez, estigmatizamos o esteta

indomado que, independentemente da tragédia mundana, corre à solta na primavera das emoções emancipadas como alguém «com demasiado chá» dentro de si.

O estranho poderá, de facto, interrogar-se perante este aparente muito barulho por nada. «Que tempestade numa chávena de chá!», dirá. No entanto, quando consideramos quão pequena, afinal, é a chávena de prazer humano, quão cedo transborda de lágrimas, quão facilmente é drenada até à última gota na nossa sede insaciável pelo infinito, não nos devemos culpar por darmos tanto valor à chávena de chá. A humanidade já fez pior. Na adoração de Baco, sacrificámos com demasiada liberalidade e transfigurámos até a imagem sangrenta de Marte. Porque não nos consagramos à rainha das Camélias e nos deleitamos com a cálida onda de simpatia que flui do seu altar? No âmbar líquido dentro da porcelana de marfim, o iniciado pode tocar a doce reticência de Confúcio, sentir o toque picante de Lao-Tsé e o aroma etéreo do próprio Sakyamuni.¹

Aqueles que não conseguem sentir a pequenez das grandes coisas em si mesmos tendem a ignorar a grandeza das pequenas coisas nos outros.

¹ Um dos nomes de Buda. (NT)

O ocidental comum, na sua complacência polida, verá na cerimónia do chá apenas outro exemplo das mil e uma esquisitices que constituem, para ele, a singularidade e a infantilidade do Oriente. O ocidental costumava considerar o Japão um bárbaro quando este se entregava às suaves artes da paz, chamando-lhe civilizado desde que ele começou a cometer massacres em massa nos campos de batalha da Manchúria. Muitos comentários têm sido feitos ultimamente ao código do samurai – a arte da morte que faz os nossos soldados exultarem com o autossacrifício –, mas quase nenhuma atenção foi direccionada para o cháismo, que representa tanto da nossa arte da vida. De bom grado continuaríamos bárbaros se a nossa reivindicação de civilização se baseasse na horrível glória da guerra. De bom grado esperaríamos o tempo em que o devido respeito será prestado à nossa arte e ideais.

Quando irá o Ocidente compreender, ou tentar compreender, o Oriente? Nós, os asiáticos, ficamos muitas vezes chocados com a curiosa teia de factos e fantasias que foi tecida a nosso respeito. Somos retratados como vivendo do perfume do lótus, se não de ratos e baratas. É um fanatismo impotente ou então uma volúpia abjeta. A espiritualidade indiana foi ridicularizada como

ignorância, a sobriedade chinesa como estupidez e o patriotismo japonês como um resultado do fatalismo. Já foi dito que somos menos sensíveis às dores e feridas por causa da insensibilidade da nossa organização nervosa!

Porque não se divertem às nossas custas? A Ásia retribui o elogio. Haveria mais motivos de alegria se soubessem tudo o que imaginámos e escrevemos sobre os ocidentais. Todo o encanto da perspectiva está lá, toda a homenagem inconsciente da admiração, todo o ressentimento silencioso do novo e do indefinido. Os ocidentais foram carregados de virtudes demasiado elegantes para serem invejadas e acusados de crimes demasiado pitorescos para serem condenados. Os nossos escritores do passado – os sábios que sabiam – informaram-nos que vocês tinham caudas espessas escondidas algures nas vossas roupas e jantavam muitas vezes um fricassé de bebês recém-nascidos! Não, tínhamos algo pior contra os ocidentais; costumávamos pensar que eram o povo mais impraticável do planeta, pois dizia-se que pregavam o que nunca praticavam.

Esses equívocos estão a desaparecer rapidamente entre nós. O comércio forçou as línguas europeias em muitos portos do Leste. Os jovens asiáticos estão a migrar para faculdades ocidentais

em busca do equipamento da educação moderna. A nossa percepção não penetra profundamente na vossa cultura, mas pelo menos estamos dispostos a aprender. Alguns dos meus compatriotas adotaram demasiado os vossos costumes e a vossa etiqueta, na ilusão de que a aquisição de golas rígidas e chapéus altos de seda constitui a obtenção da vossa civilização. Por mais patéticas e deploráveis que sejam tais afetações, elas evidenciam a nossa disponibilidade para nos aproximarmos do Ocidente de joelhos. Infelizmente, a atitude ocidental é desfavorável à compreensão do Oriente. O missionário cristão vai para comunicar, mas não para receber. As vossas informações são baseadas em poucas traduções da nossa imensa literatura ou, então, nas anedotas nada fiáveis de viajantes de passagem. Raramente a pena cavalheiresca de um Lafcadio Hearn ou do autor de *The Web of Indian Life* aviva a escuridão oriental com a tocha dos nossos próprios sentimentos.

Talvez eu traia a minha própria ignorância sobre o culto do chá sendo tão franco. O seu espírito de cortesia exige que digamos aquilo que se espera e nada mais. Porém, eu não sou um chaísta educado. Tantos danos foram já causados pelo equívoco mútuo entre o Novo Mundo e o Velho, que ninguém precisa de se desculpar por contribuir

com o seu dízimo para a promoção de um melhor entendimento. O início do século xx teria sido poupado ao espetáculo da guerra sanguinária se a Rússia tivesse condescendido em conhecer melhor o Japão. Que terríveis conseqüências para a humanidade residem em se ignorar desdenhosamente os problemas orientais! O imperialismo europeu, que não desdenha em erguer o grito absurdo do perigo amarelo, falha em perceber que a Ásia pode também despertar para a ideia cruel do desastre branco. Podem rir-se de nós por termos «demasiado chá», mas não poderemos nós suspeitar de que vocês, os do Ocidente, «não têm nenhum chá» na vossa constituição?

Vamos impedir os continentes de lançar epigramas uns contra os outros e serem mais tristes, senão mais sábios, pelo ganho mútuo de meio hemisfério. Desenvolvemo-nos seguindo linhas diferentes, mas não há razão para que um não deva complementar o outro. Os ocidentais ganharam expansão à custa da inquietação; nós criámos uma harmonia que é fraca contra a agressão. Será que o leitor acredita? O Oriente é melhor em alguns aspetos do que o Ocidente!

Estranhamente, a humanidade encontrou-se até agora na chávena de chá. É o único cerimonial

asiático que impõe estima universal. O homem branco zombou da nossa religião e da nossa moral, mas aceitou a bebida castanha sem hesitação. O chá da tarde é hoje uma função importante na sociedade ocidental. No delicado chocalhar das bandejas e dos pires, no suave sussurro da hospitalidade feminina e no catecismo comum sobre as natas e o açúcar, sabemos que o culto do chá está estabelecido para além de qualquer dúvida. A resignação filosófica do hóspede ao destino que o aguarda na decocção duvidosa proclama que, neste único caso, o espírito oriental reina supremo.

O registo mais antigo de chá na escrita europeia terá sido encontrado no depoimento de um viajante árabe, dizendo que depois do ano 879 as principais fontes de receita em Cantão eram os impostos sobre o sal e o chá. Marco Polo regista o depoimento de um ministro das Finanças chinês em 1285 pelo seu aumento arbitrário dos impostos sobre o chá. Foi no período das grandes descobertas que os europeus começaram a saber mais sobre o Extremo Oriente. No fim do século XVI, os holandeses trouxeram a notícia de que se fazia no Oriente uma bebida agradável com as folhas de um arbusto. Os viajantes Giovanni Batista Ramusio (1559), L. Almeida (1576), Maffeno (1588) e Tareira (1610) também mencionaram

o chá. No último ano mencionado, os navios da Companhia Holandesa das Índias Orientais trouxeram o primeiro chá para a Europa. Era conhecido em França em 1636 e chegou à Rússia em 1638. A Inglaterra acolheu-o em 1650 e falou dele como «aquela excelente bebida da China aprovada por todos os médicos, chamada *tcha* pelos chineses e *tay*, aliás *tee*, por outras nações».

Como todas as coisas boas do mundo, a propaganda do chá encontrou oposição. Hereges como Henry Saville (1678) declararam que bebê-lo era um costume sujo. Jonas Hanway (*Ensaio sobre o Chá*, 1756) disse que os homens pareciam perder a sua estatura e boa aparência e as mulheres a sua beleza por meio do uso do chá. O seu custo inicial (cerca de quinze ou dezasseis xelins por libra)² proibia o consumo popular e tornava-o «uma regalia para tratamentos e entretenimentos elevados, com ofertas do mesmo a serem feitas a príncipes e a nobres». No entanto, apesar de tais desvantagens, o consumo do chá espalhou-se com maravilhosa rapidez. Na verdade, na primeira metade do século XVIII, os cafés de Londres tornaram-se casas de chá, o refúgio de pessoas sagazes como Addison e Steele, que se

² Uma libra equivale a cerca de 0,453 kg. (NT)

encantavam com o seu «prato de chá». A bebida tornar-se-ia em breve uma necessidade da vida — uma questão tributável. Somos recordados, a este respeito, do importante papel que desempenha na história moderna. A América colonial resignou-se à opressão até a resistência humana ceder perante as pesadas taxas impostas sobre o chá. A independência americana data do lançamento de baús de chá para o porto de Boston.

Há um encanto subtil no sabor do chá que o torna irresistível e capaz de idealização. Os humoristas ocidentais não demoraram a misturar a fragrância dos seus pensamentos com o seu aroma. Não tem a arrogância do vinho, a autoconsciência do café, nem a inocência simplória do cacau. Já em 1711, diz o *Spectator*: «Recomendaria, portanto, estas minhas especulações de modo particular a todas as famílias bem reguladas que reservam uma hora todas as manhãs para o chá, o pão e a manteiga; e aconselhá-los-ia seriamente, para seu benefício, a ordenarem que este jornal fosse servido pontualmente e examinado como parte do equipamento do chá.» Samuel Johnson desenha o seu próprio retrato como «um bebedor de chá endurecido e desavergonhado, que durante vinte anos diluiu as suas refeições apenas com a infusão da fascinante planta; que com o chá divertiu a

noite, com o chá consolou a meia-noite e com o chá deu as boas-vindas à manhã».

Charles Lamb, um devoto professo, fez soar a verdadeira nota do chaísmo quando escreveu que o maior prazer que conhecia era fazer uma boa ação furtivamente e vê-la ser descoberta por acidente. Pois o chaísmo é a arte de esconder a beleza para que a possamos descobrir, de sugerir o que não ousamos revelar. É o nobre segredo de nos rirmos de nós mesmos, com calma, ainda que completamente, e é, portanto, o próprio humor – o sorriso da filosofia. Todos os humoristas genuínos podem, neste sentido, ser considerados filósofos do chá; por exemplo, Thackeray e, claro, Shakespeare. Nos seus protestos contra o materialismo, os poetas da decadência (quando é que o mundo não esteve em decadência?) abriram também, em certa medida, o caminho para o chaísmo. Talvez a nossa contemplação recatada do imperfeito seja hoje o facto de o Ocidente e o Oriente se poderem encontrar em consolo mútuo.

Os taoístas relatam que, no grande começo do Não Começo, o espírito e a matéria se encontraram num combate mortal. Por fim, o Imperador Amarelo, o Sol do Céu, triunfou sobre Shuhung, o demónio das trevas e da terra. O Titã, na sua agonia de morte, bateu com a cabeça contra a

abóbada solar e estilhaçou a cúpula azul de jade. As estrelas perderam os seus ninhos e a Lua vagueou sem rumo por entre os abismos selvagens da noite. Em desespero, o Imperador Amarelo procurou por toda a parte um reparador dos céus. Não precisou de procurar em vão. Do mar oriental ergueu-se uma rainha, a divina Niuka, ostentando uma coroa de chifres e cauda de dragão, resplandecente na sua armadura de fogo. Ela soldou o arco-íris de cinco cores no seu caldeirão mágico e reconstruiu o céu chinês. Contudo, diz-se que Niuka se esqueceu de preencher duas pequenas fendas no firmamento azul. Assim começou o dualismo do amor – duas almas a girar pelo espaço sem nunca repousarem até se juntarem para completar o universo. Todos têm de reconstruir o seu céu de esperança e paz.

O céu da humanidade moderna foi, de facto, destruído na luta ciclópica por riqueza e poder. O mundo tateia na sombra do egoísmo e da vulgaridade. O conhecimento é comprado por meio de uma má consciência e a benevolência praticada em prol da utilidade. O Oriente e o Ocidente, tal como dois dragões lançados num mar de fermento, esforçam-se em vão para recuperar a joia da vida. Precisamos novamente de uma Niuka para reparar a grande devastação; aguardamos o

grande Avatar. Entretanto, vamos tomar um gole de chá. O brilho da tarde ilumina os bambus, as fontes borbulham de alegria e o sussurro dos pinheiros ouve-se na nossa chaleira. Vamos sonhar com a evanescência e demorar-nos na bela tolice das coisas.